A INFLUÊNCIA DO POSITIVISMO DE AUGUSTO COMTE NO PARTENON LITERÁRIO

PAULO GILBERTO MOSSMANN SOBRINHO[*]

RESUMO

O artigo discute as influências do positivismo de Auguste Comte entre os membros da Sociedade do Partenon Literário, apresentando uma lacuna encontrada na historiografia gaúcha que sugere a propagação das ideias positivistas no Rio Grande do Sul através da citada agremiação, sem, contudo, apresentar de forma significativa de que modo o positivismo influenciou os intelectuais atuantes nessa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Partenon Literário; Auguste Comte; positivismo.

O presente artigo surgiu com o intuito de satisfazer o interesse do autor em compreender de fato as influências do pensamento positivista comteano[1] entre os intelectuais da Sociedade do Partenon Literário. Esse interesse justifica-se pelo fato de diversos autores sul-rio-grandenses salientarem que as ideias positivistas começaram a circular e influenciar a sociedade do Rio Grande do Sul a partir da Sociedade do Partenon Literário, contudo pouco foi registrado dessas influências na sua raiz, ou seja: de que forma as ideias positivistas influenciaram os membros da referida agremiação.

Sob essa questão norteadora, foi realizado o presente trabalho, visando a levantar algumas considerações, suposições ou hipóteses que se julga relevantes para tentar compreender aspectos intrínsecos e extrínsecos da doutrina positivista comteana na Sociedade do Partenon Literário.

Salienta-se, no entanto, que este artigo traz à tona uma discussão que merece explanação mais abrangente, não devendo ficar este tema

---

[*] Licenciado em História – Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT; pós-graduando em História do Rio Grande do Sul – FURG.

[1] Positivismo: doutrina filosófica desenvolvida pelo francês Augusto Comte, baseada na cientificidade, segundo a qual a ciência é considerada o único conhecimento possível e a empiria o único caminho metodológico válido. Através da ciência, Comte vislumbra o progresso e a ordem social, pilares de sua filosofia e religião positivista. Ver: SOARES, Mozart Pereira. *O positivismo no Brasil*: 200 anos de Augusto Comte (1998).

delimitado à condição de um artigo, ficando a sugestão para futuros trabalhos de pesquisa para historiadores e literatos.

O Partenon Literário foi o primeiro movimento de intelectuais que de fato estabeleceram uma agremiação no estado do Rio Grande do Sul. Fundado em 18 de junho de 1868, o Partenon Literário era um movimento de ideias, as mais diversas e abrangentes possíveis na época, de concepções literárias até discussões de aspectos políticos e sociais.

O idealismo estabelecido pelos membros do Partenon Literário iniciou, ou incitou, ainda mais no Rio Grande do Sul o questionamento e defesa da concretização de uma nova ordem social, onde temas como a república, abolição da escravidão, o direito à manifestação feminina, além do estabelecimento de aulas noturnas para aqueles que não tinham condições de estudar durante o dia eram defendidos através de artigos, saraus ou poemas.

Os saraus lítero-musicais, promovidos por essa agremiação, representavam o momento de esplendor da cultura de Porto Alegre na década de 70 do século XIX. Nesses saraus, aconteciam discursos e conferências de interesse social, declamação de versos, apresentações teatrais.

Foi a partir das letras que o Partenon Literário teve sua abrangência difundida não só em Porto Alegre, como também no interior do estado e além das fronteiras sul-rio-grandenses. O principal mecanismo de difusão dos textos produzidos pela referida agremiação foi a *Revista do Partenon Literário*. Sua publicação iniciou-se no ano de 1869 e encerrou-se em 1879. Nesses dez anos, a revista passou por quatro grandes momentos, alternando períodos de publicação mensal e quinzenal. O tamanho, formato e nome da revista também variaram nesses anos, sem, contudo, perder a sua essência de publicar principalmente textos, poemas e artigos de diversos autores (sócios do Partenon Literário), tendo como base a tríade estabelecida pela revista – literatura, história e filosofia.

A *Revista do Partenon Literário* era distribuída gratuitamente, sendo responsável pelas despesas da impressão a própria agremiação e seus sócios. A confecção da revista estabelecia alternância na ordem editorial, de modo que havia revezamento de sócios na publicação de artigos e poemas.

Só poderia escrever na revista quem fosse sócio do Partenon Literário. Entretanto, não significava que os escritores interioranos não tivessem a sua participação registrada na revista, pois diversos autores que não moravam em Porto Alegre acabavam por se associar à agremiação e dessa forma publicavam seus artigos ou poemas. Outro aspecto evidenciado através do Partenon Literário e de sua respectiva

revista foi o início de uma literatura de cunho tradicionalista. Através de obras de romantismo sulista, o povo sul-rio-grandense foi representado a partir da figura do gaúcho virtuoso, heróico e corajoso.

O movimento cultural produzido a partir das atividades do Partenon Literário marcou o que podemos chamar de "nascimento cultural" da sociedade porto-alegrense, e em alguns aspectos pode-se considerar que esse "nascimento cultural" acabou atingindo todo o estado do Rio Grande do Sul.

Através do Partenon Literário começou-se a produzir uma cultura sul-rio-grandense, tirando o estado da inércia cultural e da dependência de receber uma "cultura pronta" de outros estados do Brasil ou mesmo de fora do país.

O meio de propagação impulsionado pela *Revista do Partenon Literário* foi fundamental para que esta cultura começasse também a se popularizar, mesmo levando em conta o baixo nível de instrução da população. Não se pode deixar de considerar que, através da atuação do Partenon Literário, a cultura sul-rio-grandense teve seus horizontes ampliados.

O princípio da valorização das novas formas de pensar, entender e visar uma nova sociedade são frutos de uma conjuntura de mudanças não só no estado do Rio Grande do Sul, mas também em todo o Brasil. Assim, o Partenon Literário propôs a discussão, a possibilidade das mudanças sociais e culturais para a sociedade. O legado do Partenon Literário para a história literária, política e social continua a ser objeto de estudo.

Após essa breve apreciação relativa à Sociedade do Partenon Literário, serão abordadas as influências do pensamento comteano entre os membros do Partenon Literário. Pretende-se demonstrar isso não só pelo aspecto literário da agremiação, mas também pelo seu papel de envolvimento social, sendo este o aspecto mais evidente do pensamento comteano no Partenon Literário.

As influências do positivismo comteano estão no próprio nome da agremiação. Para Comte, a Grécia seria o modelo intelectual a ser seguido pelas nações, e o Partenon grego seria o templo de contemplação a Atena, deusa da sabedoria. Assim, o Partenon Literário representaria o local da sabedoria para a sociedade sul-rio-grandense. Além do modelo intelectual grego defendido por Comte como ideal para a humanidade, ele também defendia o modelo romano como ideal para as questões políticas e institucionais, que também serviram de referências para profundas discussões entre os membros da agremiação.

Os membros do Partenon Literário formavam um agrupamento eclético, de modo que eram diversos os pontos de convergência e discussão na agremiação. Guilhermino César (2006, p. 192) apresenta

algumas questões discutidas no Partenon Literário entre os anos de 1872 e 1873, que remetem a uma reflexão da influência comteana:

> Na antiguidade qual foi a forma de governo que presidia a marcha progressiva da humanidade? Qual é a que trouxe a maior soma de civilização? Qual é a que presidiu aos destinos dos povos modernos? Qual tem sido, pois, o ideal de liberdade em todos os tempos?
> [...] Qual foi a época mais brilhante de Roma, sob o governo monárquico ou sob a República? (CESAR, 2006, p. 192)

Essas questões estavam ligadas ao momento de discussões sobre a modernização do país, fim da escravidão e decadência do Império brasileiro. Entretanto, as inspirações intelectuais de tais discussões estavam baseadas não somente nas ideias da contemporaneidade dos intelectuais sul-rio-grandenses ou brasileiros, e sim intrinsecamente estabelecidas a partir das influências clássicas na concepção do positivismo comteano.

Por exemplo, a respeito da escravidão, a opinião de Comte é bastante clara:

> A condenação a escravidão por parte de Comte originou-se no exemplo da escravidão antiga, que segundo a lei de evolução das formas de atividade havia demonstrado "[...] que a escravidão produz individualmente a impossibilidade de melhorar a situação do trabalho" (Comte, 1883, p. 60). Assim, a situação de escravidão era inadmissível dentro do projeto positivista, devendo, portanto, ser necessariamente superada para o avanço da sociedade (HEINRICHS, 2001, p. 20).

Seguindo esse ponto de vista, Zilberman (1980) discorre a respeito da opinião da escravidão no Partenon Literário:

> O repúdio à escravidão foi um elo comum nos escritores do Partenon Literário. Esta atitude levou-os à exaltação da liberdade como um valor supremo, para o qual inevitavelmente a nação se dirigia (ZILBERMAN, 1980, p. 31).

A questão da escravidão no Partenon Literário apresentava praticamente um consenso. Além do aspecto humanístico, o propósito do fim da escravidão era justificado também pela ideia de que o atraso econômico/tecnológico brasileiro decorria do atraso social advindo da predominância da mão-de-obra escrava como base de sustentação. Assim, mais uma vez Comte se faz presente nestes ideias, pois, conforme já referido, uma sociedade só poderia evoluir através de avanços sociais. Enquanto a questão abolicionista era consenso entre

os membros do Partenon Literário, a questão política efervescia dentro da agremiação. Voltando à discussão estabelecida em 1872, sobre qual foi a época mais brilhante de Roma, sob o governo monárquico ou sob a República (Cesar, 2006, p. 192), como forma de justificar o porquê da predominância do republicanismo dos intelectuais do Partenon Literário, buscam-se novamente concepções estabelecidas por Comte a partir de dois vieses. Primeiro, através da observação política que este fez na Roma Antiga, onde constatou que apesar de sua preferência naquele contexto histórico pelo Império em Roma (devido a seu caráter de poder centralizado, ante a fragmentada República Senatorial Romana), via na ditadura dos césares o modelo ideal a ser seguido. A partir dessa concepção, ele elaborou a ditadura científica, na qual a sociedade deveria ser governada por intelectuais para o bem da humanidade (tal discurso foi adaptado por Júlio de Castilhos quando no poder do Rio Grande do Sul). Comte atribui destacado papel ao estabelecimento de uma autoridade forte ditatorial para a instituição de uma sociedade positiva:

> Este destaque dado à disciplina conduz a reflexão para o reconhecimento de uma forma de ordenação política que corresponda ao imperativo de ordem ora encomiado. Neste cenário, seria necessária a implantação de uma ditadura, regime de força em que a autoridade produz a ordem (HEINRICHS, 2001, p. 18).

O segundo viés está estabelecido no livro *Reorganizar a sociedade*, no qual Comte critica as antigas estruturas monárquicas que ainda estavam vigentes em pleno século do cientificismo (séc. XIX) e em nada contribuíam para a reorganização social necessária em sua época.

A questão do estabelecimento de ordem social e a política foi onde mais se evidenciaram as ideias de Comte na Sociedade do Partenon Literário. Contudo, pelo fato de o Partenon Literário, como o próprio nome indica, estar voltado para a literatura, abre-se aqui um precedente para a participação de literatos na política e a discussão desse tema através de livros (especialmente no que diz respeito de estabelecer uma ordem social) e da imprensa (mais voltada para as questões políticas).

O estabelecimento de escritores na política acabou gerando a ideia de que literatos estavam por se subordinar às questões políticas. Zilberman (1980) levanta esse problema, considerando que a primeira, de modo geral, é vista como subordinada à segunda. No entanto, a autora salienta que revisões dessa discussão apontam para uma nova visão:

> Um redimensionamento do problema se faz necessário quando se evidenciam laços ideológicos que envolvem a explanação das relações

> entre literatura e política. Isto se verifica uma intenção não apenas criadora, mas na mesma proporção, engajada (ZILBERMAN, 1980, p. 26).

Dessa forma, o caráter ideológico da filosofia cientificista comteana acabou servindo de ponte entre a literatura e a política. Conforme Boeira,

> [...] cabe lembrar que a retórica do cientificismo atingiu mais diretamente aquelas disciplinas que mantinham vínculos estreitos com a política. A literatura sofreu menos intensa e mais diretamente a influência do positivismo e afins que a história ou ensaio moralizante, já que esses últimos podiam ser utilizados – como efetivamente foram – para formular ou referendar a imagem que as elites políticas tinham de seu passado, de seus valores de suas tarefas futuras (BOEIRA, 1980, p. 47).

Essas características se evidenciaram no Partenon Literário, especialmente ao analisar-se as obras de cunho regionalista elaboradas por seus intelectuais:

> O regionalismo, por outro lado é compatível tanto com o interesse do comtismo pela tradição, como pela sua preocupação com a História e Etnografia. [...] Ao historiador das ideias cabe, portanto, preocupar-se também com a ausência de incompatibilidades claras, pois isso permite compreender que, embora o positivismo não "controle" a literatura do período, forma com ela um mesmo campo intelectual (BOEIRA, 1980, p. 48-49).

Seguindo ideais da filosofia comtiana, de registrar a história e evolução da sociedade, os intelectuais do Partenon Literário registraram a história da sociedade sul-rio-grandense. A forma de registro, apesar de estar *démodé* no Brasil, foi notadamente o romantismo.

Além de obras literárias, os participantes da Sociedade do Partenon Literário acabaram por influenciar significativamente a imprensa sul-rio-grandense, especialmente no viés político:

> [...] vêem-se como indivíduos participantes do processo político. Em decorrência disto, o jornal substitui o livro, e o homem de imprensa, o Letrado, isto é o Poeta de gabinete, escritor nas horas vagas (ZILBERMAN, 1980, p. 26).

O engajamento político e de adequação aos jornais como fontes primordiais para a transmissão de ideias esteve mais arraigada à segunda geração do Partenon Literário, tendo como um notável representante dessa geração Júlio de Castilhos.

Questões políticas e sociais eram assuntos essenciais do Partenon Literário. Vale ressaltar que a Sociedade do Partenon Literário apresentava uma característica eclética entre seus membros, sendo que as posições republicanas foram ganhando mais força dentro da agremiação no decorrer do tempo.

Segundo César, os membros do Partenon eram,

> Em essência, todos liberais e republicanos, salvo poucas exceções. E entre os mais moços, por isso mesmo mais ardentes e "modernos", aparecem já os futuros positivistas rio-grandenses, que entrariam em choque com os velhos liberais da monarquia (CÉSAR, 1971, p. 177).

A respeito da propagação dos ideais republicanos entre os membros do Partenon Literário, Zilberman apresenta alguns pensamentos políticos entre os participantes desta agremiação:

> Apolinário Porto Alegre é o escritor mais visivelmente comprometido com o ideal republicano; porém, também Múcio Teixeira, durante a década de 70, quando ainda vivia no Rio Grande do Sul, expressou as mesmas simpatias políticas. E ao contrário de Porto Alegre, onde a posição republicana aparece integrada à tradição rio-grandense [...], em Teixeira, este destino político vincula-se às novas teorias – o cientificismo e o positivismo. Cabe assinalar que esta é a filosofia que marca a geração que liderará o PRR, sendo responsável pela instalação de um domínio político que se estenderá dos primeiros anos da década de 90 com Júlio de Castilhos, até a consolidação da administração de Getúlio Vargas, nos anos 30 deste século [XX], demonstrando a continuidade e a harmonia dos intelectuais do Partenon Literário com os chefes partidários da província (ZILBERMAN, 1980, p. 32).

Além de autores que tratavam de aspectos políticos e sociais, vários outros intelectuais do Partenon Literário tiveram influências filosóficas a partir da obra de Comte, sobre outros olhares filosóficos influenciados pelo positivismo:

> É bem conhecida a influência das ideias de Comte, [...] sobre autores como Karl Von Koseritz, Graciano Alves de Azambuja, Argemiro Cícero Galvão, Alcides Lima, Carlos Maximiliano e Rodolfo Pau-Brasil. Na literatura, poesia e crítica literária, nomes como Augusto Luiz, Alarico Ribeiro, Paulo Marques, Damasceno Vieira, Juvenal Miller e Paula Pires sofreram influência dos ideais do comtismo [...] (BOEIRA, 1980, p. 47).

Dentre estes autores, pode-se destacar a evidente influência de Comte em questões teóricas, como por exemplo: cientificismo de Graciano Alves Azambuja; evolucionismo de Karl Von Koseritz;

prescrição da metafísica[2] de Augusto Luiz; poesia científica (parnasiana) de Damasceno Vieira.

O positivismo, além de influenciar intelectualmente os membros do Partenon Literário, influenciou também na forma de escrever, ou seja, determinou padrões literários na elaboração de textos:

> No caso do positivismo comtiano, as relações de boa convivência com orientações literárias distintas como o parnasianismo, o realismo e o naturalismo são evidentes. Sem dúvida, o parnasianismo é a formula literária mais compatível com o comtismo, a sua preocupação com a fórmula, valor estético maior para os positivistas. Mas o naturalismo e o realismo são igualmente aceitáveis ao positivismo, na medida em que se valem da *observação* dos fenômenos psicológicos e sociais, diretriz fundamental do método científico (BOEIRA, 1980, p. 48).

Estavam, dessa forma, estabelecidos padrões científicos para a concepção de textos literários, e os membros do Partenon Literário fizeram em parte de suas obras a propagação dos ensinamentos da filosofia positivista de Comte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recorte temático proposto esteve voltado a discernir alguns aspectos da influência da filosofia positivista de Comte sobre membros da Sociedade do Partenon Literário. Contudo, é salutar referir-se que essas influências estavam por impregnar, de um modo geral, a maioria dos intelectuais brasileiros. Dentre as bases ideológicas da filosofia positivista, presentes na literatura brasileira após a metade do séc. XIX, podem-se destacar os seguintes pontos: ideia do progresso para desenvolver sentimento nacional; separação da literatura portuguesa – início efetivo da literatura brasileira; progresso linear crescente – auto-afirmação do país: identidade nacional – corrigir os erros do passado; as obras demonstram a luta do povo pela liberdade.

Assim, o Partenon Literário estava na verdade por seguir uma tendência nacional. Porém, sabe-se que o Rio Grande do Sul foi uma das províncias brasileiras que mais se influenciaram ideologicamente

---

[2] Comte dividia a evolução da sociedade em três estados: estado teológico; estado metafísico; estado positivo. "Embora a princípio indispensável em todos os aspectos, o primeiro estado deve ser doravante concebido sempre como puramente provisório e preparatório; o segundo, que é na realidade apenas a modificação do anterior, nunca comporta mais que um simples destino transitório, a fim de conduzir gradualmente ao terceiro; é neste, único plenamente normal, que consiste, em todos os gêneros, o regime definitivo da razão da humanidade". COMTE, Augusto. *Discurso sobre o Espírito Positivo*.

com o positivismo.

Outra referência que não se pode deixar de mencionar, está no desejo do desenvolvimento intelectual e social. A partir das ideias comteanas – de propagar junto ao coletivo programas educacionais – o Partenon Literário instituiu aulas noturnas, possibilitando formação àqueles que trabalhassem durante o dia.

A Sociedade do Partenon Literário representou, conforme referencia este artigo, um elo entre a doutrina positivista comteana e o restante da população. Portanto, seja através da literatura ou de seu aspecto político-social, de algum modo contribuiu para estabelecer o "Estado Positivo" em solo sul-rio-grandense, mesmo que este "Estado Positivo" comteano recebesse novas conotações e interpretações no decorrer dos anos.

REFERÊNCIAS

BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sérgius. *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre, 2006.

COMTE, Augusto. *Discurso sobre o Espírito Positivo*. Trad. Antonio Geraldo da Silva. Porto Alegre: Ed. Escala, [s.d.].

_____. *Reorganizar a sociedade.* Trad. Antonio Geraldo da Silva. Porto Alegre: Ed. Escala, [s. d.].

HEIRICHS JÚNIOR, Cláudio. *A visão de Auguste Comte da Grécia e de Roma*. Síntese da Dissertação [Mestrado em História] – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

OLIVEIRA, Luciana Scognamiglio de. *Monteiro Lobato e a formação da literatura infantil no Brasil.* Dissertação [Mestrado em História da Ciência] – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

PÓVOAS, Mauro Nicola. A trajetória da Sociedade do Partenon Literário e de sua Revista Mensal. Disponível em: http://www.uab.furg.br//mod/resource/view.php?id=7531. Acesso em: 30 set. 2009.

SOARES, Mozart Pereira. *O positivismo no Brasil*: 200 anos de Augusto Comte. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

ZILBERMAN, Regina. O Partenon Literário: literatura e discurso político. In: ZILBERMAN, Regina et al. *O Partenon Literário*: poesia e prosa. Porto Alegre: ICP/EST, 1980.